

# A percepção dos acidentes escolares por educadores do ensino fundamental, Belo Horizonte

## *Perception of accidents in school by elementary level educators, Belo Horizonte*

Soraia Pinto Sena<sup>1</sup>; Janete Ricas<sup>2</sup>; Maria Regina de Almeida Viana<sup>3</sup>

### RESUMO

**Objetivo:** O estudo teve por objetivo geral investigar o acidente escolar do ponto de vista de seus determinantes sociais através da pesquisa das concepções, crenças, sentimentos e atitudes dos educadores relativas aos acidentes na escola, partindo do pressuposto de que as mesmas são essenciais na prevenção e redução de danos e seqüelas ligados aos acidentes, considerando que na escola, eles podem causar o absentismo e o insucesso escolar configurando um problema educacional e de saúde pública. **Métodos:** Foram entrevistados 17 educadores, provenientes de 17 escolas do ensino privado em Belo Horizonte, abordando acidentes de 1ª a 4ª série do ensino fundamental. As falas foram organizadas em grandes temas e categorias, utilizando-se a Análise de Discurso para interpretação do seu sentido. **Resultados e Conclusões:** São apresentados quatro temas referentes a impressões e sentimentos gerais sobre o acidente; conceitos e crenças relativas ao mesmo; informações e sentimentos relativos à autocompetência para lidar com o acidentado e capacitação formal relatada relativa à prevenção e cuidados com o acidentado. Os educadores revelam estresse e insegurança no trato com o acidente. O discurso sobre o conceito e determinantes do acidente é heterogêneo e polifônico revelando a coexistência da idéia da fatalidade ao lado da previsibilidade do acidente. Os educadores mostram insegurança e sentimentos de incompetência para lidar com os acidentes e capacitação formal ausente ou incipiente para lidar com o mesmo. Demonstaram ambigüidade com relação ao seu papel na atenção ao acidentado.

**Palavras-chave:** Acidentes; Saúde Escolar; Criança; Prevenção de Acidentes; Estudantes.

### ABSTRACT

**Objective:** The study's main goal was to investigate accidents in school from the perspective of its social determinants through research of the conceptions, beliefs, feelings and attitudes of educators regarding accidents in school, with the assumption that they are essential in prevention and reduction of lesions and damage connected to the accidents, taking into consideration that, in school, they can cause absence and academic failure, which constitutes an educational and public healthcare problem. **Methods:** Interviews were made with 17 educators from 17 private schools in Belo Horizonte, regarding accidents that occurred between the 1<sup>st</sup> and 4<sup>th</sup> grades of elementary school. Their speeches were organized into large themes and categories, using Speech Analysis for interpretation of their meaning. **Results and Conclusions:** Four themes are presented regarding impressions and general feelings on the accidents; concepts and beliefs on them, information and feelings regarding self-competence to deal with the child that suffered the accident and reported formal training regarding prevention and care. Educators reveal stress and insecurity in dealing with the accident. Their speech on concepts and determinants for the accidents is varied, revealing the coexistence of the idea of fatality as well as predict-

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Saúde – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais  
<sup>2</sup> Doutora e Professora convidada da Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais  
<sup>3</sup> Doutora e Professora convidada da Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais

Departamento de Pediatria, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Endereço para correspondência:  
 Soraia Pinto Sena  
 Av. Bandeirantes, 1613 – Apt° 501  
 B: Mangabeiras  
 Belo Horizonte - MG – Brasil  
 CEP: 30315-000  
 Email: soraiapsena@terra.com.br

*ability of the accident. Educators show insecurity and feelings of incompetence in dealing with accidents and lack of formal training in order to deal with them. They showed ambiguity in relation to their role in caring for the child who suffered an accident.*

*Key words: Accidents; Accident Prevention; School Health; Child; Students.*

## INTRODUÇÃO

A inquietude e a imprevisão inerentes à infância tornam a criança susceptível aos riscos e, às vezes, o educador não sabe como lidar com essas adversidades. O ambiente escolar é um lugar propício a acidentes devido ao grande número de crianças que nele se encontra, interagindo e desenvolvendo as mais diversas atividades motoras e esportivas. O tempo que as crianças passam na escola vem gradativamente aumentando com as transformações sociais da família e com a inserção crescente da mulher no mercado de trabalho. Em consequência, a segurança no espaço escolar, no que tange ao ambiente físico, social e psicológico, deve ser objeto de constante preocupação de responsáveis, professores e da direção da escola.<sup>1</sup>

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>2</sup> os acidentes figuram entre as primeiras causas de óbito nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, representando hoje, ao lado da violência, o primeiro lugar em morbimortalidade de crianças e adolescentes entre 5 e 19 anos de idade.

Dos acidentes com crianças em idade escolar 10 a 25% ocorrem na escola ou em seu entorno.<sup>3</sup>

No Brasil, de 6 a 13% dos acidentes em crianças nesta faixa etária, ocorrem em instituições de ensino.<sup>4,5</sup>

Em trabalho realizado no município de Embu, Estado de São Paulo, em mais de 60% dos casos, os educadores consideraram o acidente como fato evitável.<sup>6</sup>

Até meados da década de 80, o acidente, de forma geral, era definido cientificamente como um evento fortuito, geralmente danoso, independente da vontade, provocado por uma força externa, gerando algum comprometimento físico e/ou mental.<sup>7</sup>

Este conceito vem evoluindo e hoje o acidente perdeu a conotação de imprevisibilidade tornando-se gradativamente foco de prevenção na área da saúde, sendo considerado um evento previsível e prevenível.<sup>7</sup>

Liberal, Aires RT, Aires MT e Osório<sup>1</sup> mostram que os acidentes na criança são influenciados por fatores de cada nível da estrutura sócio-ambiental: os fatores intra e interpessoais relacionados às características da criança e suas relações mais próximas; os fatores institucionais relacionados à comunidade, escola e trabalho; e os fatores culturais, relacionados a valores e normas sociais, políticas governamentais e legislação.

Dentre os fatores intra-pessoais apontam-se características da criança que poderiam contribuir para a ocorrência do acidente:

- a) estágio do desenvolvimento motor;<sup>8</sup>
- b) estágio do desenvolvimento social e cognitivo;<sup>4,9</sup>
- c) a constituição biológica e estrutura psíquica.<sup>10, 11, 12, 13</sup>

Com relação ao ambiente social, destaca-se a atuação da família<sup>12</sup> e da escola pela intensidade de sua presença na vida da criança, sua importância afetiva e pela relação especial de cuidado e autoridade com a mesma.

A influência da escola pode-se refletir na orientação político-pedagógica que se revela diretamente no plano da estrutura e organização do espaço físico, na organização funcional e relação com alunos e famílias. Essa orientação se reflete no comportamento de risco dos alunos, na atitude de identificação e prevenção de situações de risco e no tipo de atendimento ao aluno acidentado.

Há evidências de que a supervisão adequada dos cuidadores em relação aos riscos do ambiente, que está ligada a vários fatores do contexto social, tem relação com a diminuição de eventos traumáticos.<sup>14</sup>

Para se atingir o ideal de uma "escola segura" é importante que se conheça, além das questões dos riscos oferecidos pelo ambiente físico, a forma como o ambiente social imediato lida com a ocorrência do acidente.<sup>1</sup> Desta forma, é necessário e essencial o conhecimento da percepção dos educadores do que seja um acidente e de suas responsabilidades frente à prevenção e socorro à criança acidentada. No entanto, o acidente na escola tem sido pouco estudado sob a ótica de seus determinantes psicossociais, sendo notória a escassez na literatura de trabalhos qualitativos abordando em profundidade o tema, no âmbito nacional e internacional.

Este artigo aborda as questões do ambiente institucional, a escola, consciente de que a estreita inter-relação entre os determinantes dificulta a aborda-

gem isolada de um deles. Foca a orientação político pedagógica da escola, no que se refere ao acidente. Tem como objetivo estudar as concepções, atitudes e sentimentos dos educadores frente ao acidente e sua auto-avaliação de conhecimentos e competência para prevenção e atendimento à criança acidentada.

## METODOLOGIA

Através de metodologia qualitativa, utilizando-se entrevista semi-estruturada foram estudados os discursos de educadores de 1ª à 4ª série do ensino fundamental, de escolas privadas da cidade de Belo Horizonte, cuja clientela é constituída de alunos provenientes de classe média e alta da cidade.<sup>15</sup>

Utilizando-se o critério de escolha propositiva da amostra foram entrevistados educadores e gestores, pelo fato de serem pessoas ativas na determinação da política pedagógica e administrativa da escola e julgados representativos do pensamento e atitudes dos demais. Utilizou-se o critério de saturação para a interrupção das entrevistas.<sup>15,16</sup>

A cidade de Belo Horizonte possui aproximadamente 1636 escolas de acordo com o censo de 2006 da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais sendo que aproximadamente 1188 são privadas.<sup>1</sup> Destas, foram contatadas, 22 escolas, localizadas em região economicamente favorecida da cidade com anuência de 17, recusa de uma e ausência de resposta de 4.

Após o esclarecimento sobre o estudo e a aprovação da diretoria da escola, os entrevistados assinaram Termo de Consentimento livre e esclarecido, elaborado de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa em Seres Humanos, aprovadas através da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) de número 196, de 10 de outubro de 1996.<sup>17</sup>

As entrevistas, foram realizadas, com utilização de um gravador por um dos pesquisadores na própria escola, sob com agendamento prévio.

Foi utilizado um roteiro contendo seis questões abertas, abordando relatos e impressões de vivências, opinião sobre acidentes e formas de evitá-lo, informações sobre treinamento em atendimento

de acidentes, avaliação de auto-competência e atribuição de responsabilidades sobre o acidente.<sup>18</sup>

A determinação do sentido das falas foi através da Análise de Discurso, com construção de categorias, que refletiam os objetivos do estudo. Estas foram subdivididas em subcategorias, procurando refletir os aspectos homogêneos e heterogêneos do grupo.

Os seguintes princípios da Análise do Discurso foram utilizados para determinação dos sentidos das falas:<sup>19, 20, 21</sup>

- a) condições mediatas e imediatas de produção do discurso. Neste estudo consideramos o uso de gravador, a posição hierárquica ocupada pelo entrevistado na instituição, a realização em dependências da escola escolhida pelo entrevistado;
- b) os contratos (possibilidades e restrições) explícitos ou não, conscientes ou não, impostos pelo gênero do discurso (neste estudo, a entrevista) e pelo quadro das instituições em que se produz (a Escola, a Universidade);
- c) a relação assimétrica que se estabelece entre os interlocutores: as representações imaginárias que os interactantes fazem de suas próprias identidades.<sup>21</sup> Nesta pesquisa consideramos a relação hierárquica pesquisador/educador, imaginário social sobre pesquisa e pesquisador, universidade e psicologia/psicólogo);
- d) as intenções (visadas) das falas – o que se quer obter do interlocutor. No caso deste estudo a demanda de informação e o dar informação aparecem, inicialmente e explicitamente, como visadas principais;
- e) todo discurso é ideológico e o seu sentido não pode ser restrito à história biográfica de quem fala, mas, buscado no interdiscurso, de forma mais ampla e nas formações discursivas que o constituem, o delimitam e o tornam polifônico. Sendo ideológicos, os discursos são históricos e constituem representações de valores que circulam em um dado grupo social. Foram assim, consideradas a situação social e econômica das famílias, público alvo das escolas estudadas, as concepções e crenças sociais gerais sobre acidentes e acidente escolar, as concepções científicas sobre acidentes e acidente escolar, a legislação ou sua ausência (discurso oficial sobre o acidente escolar), as concepções atuais sociais sobre educação e relação família/escola e a história da educação e da relação família/escola no Brasil.

<sup>1</sup> Informações obtidas pelo SIED (Sistema de Informações Educacionais da SEE-MG) pelo telefone (031) 3379 8445, em 8 jan. 2008. Informação verbal.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conteúdo das falas foi organizado em quatro grandes temas que corresponderam aos objetivos propostos.

Os temas 2, 3 e 4 foram subdividido em categorias, enquanto o tema 1 mostra uma impressão geral do grupo sobre os acidentes.

### Tema 1 – Impressões gerais sobre o acidente na Escola

As impressões apareceram, sobretudo, como resposta à questão “você já vivenciou algum acidente com aluno nesta ou em outra escola? Como foi para você?” Constaram de relatos de reações, opiniões, sensações e atitudes frente aos eventos vivenciados.

Os entrevistados, de modo geral, demonstraram dificuldades, expressas sob forma de falha de memória, hesitação, etc., para falar do acidente. Considerando que o mesmo é, de forma geral, um evento marcante, essas características foram atribuídas às condições de produção do discurso: o lugar ocupado pelo entrevistado na Instituição e o lugar social dos parceiros na comunicação pode ter levado o entrevistado à presunção de julgamento pelo entrevistador:

*[...] É difícil essa pergunta [...]. Não, não, dentro da escola não. [...] Dentro da escola, nunca, nunca. Eu particularmente, não. [...] Não. Tem acidente aqui é... Menino quebra dente, essa rotina de todo dia mesmo. Mas, fora disso não tem muita coisa não. [...] É... um bater na testa do outro, né?... Então, eu acho que eu respondi errado pro cê, não? (Entrevista 15).*

Percebeu-se, entretanto, nos relatos, ausência de previsão, sentimentos de insegurança, susto, medo e estresse:

*[...] na hora só um susto, né?... Porque já tive assim cabeça cortada, é... Dente que cai, né?... e a gente passa um aperto [...]. (Entrevista 3).*  
*[...] Na hora que a coisa acontece mesmo aí... aí a gente enlouquece mesmo! [...] (Entrevista 1).*

### Tema 2 – Conceitos e crenças a respeito do Acidente Escolar

Neste tema, as seguintes categorias surgiram da análise:

#### Acidentes como fatalidade/acaso:

*Então, o acidente eventualmente acontece... Mas, você tá às vezes com a criança do seu lado, você virou pra cá, acontece alguma coisa. Então, eu acho, assim, que não tem explicação pra isso não, como diz: é fatalidade mesmo... (Entrevista 14).*

#### Acidentes como consequência das atividades e características próprias da infância:

*Eu acho que os acidentes acontecem na escola como acontecem em qualquer lugar, porque os meninos são crianças, são agitados, gostam de fazer arte, gostam de subir em determinados lugares que não deveriam. Andam sempre correndo (Entrevista 6).*

#### Acidentes como consequência da supervisão inadequada:

*Pode acontecer também da professora não estar atenta na hora do recreio [...] Professor, às vezes, deixa um aluno no espaço sozinho e não tem como socorrer a tempo. (Entrevista 16).*

#### Acidentes como consequência do ambiente físico inadequado para a criança:

*Tem situações que o ambiente não era adequado pra criança e então o acidente pode acontecer por algum problema físico do ambiente... Uma vez o extintor de incêndio caiu no pé do menino, o parafuso tava um pouco solto, o menino passou, esbarrou, o parafuso caiu... (Entrevista 9).*

#### Acidentes como consequência do modo de vida/educação da família contemporânea:

*Hoje o pai e mãe precisam trabalhar fora. Então, eu vejo assim, que algumas crianças, elas são terceirizadas. Os pais delegam para um outro, muitas funções: às vezes em reunião de pais na escola ou quando acontece alguma coisa, briga e a gente chama, sabe? É o motorista que vem... (Entrevista 15).*

### Acidentes como consequência da superproteção familiar:

*Eu acho que os acidentes também acontecem porque as crianças estão muito super-protegidas. O tempo todo tem que estar cada vez aumentando mais os cuidados e cada vez menos oferecendo pro menino a possibilidade dele ser responsável pela atitude dele (Entrevista 11).*

### Acidentes determinados por multicausalidade:

*Então, eu vejo que são várias causas. Não vou falar que é só culpa do menino, nem só culpa da escola, nem só do professor, mas é um conjunto (Entrevista 9).*

Observa-se que, no conjunto, as falas dos educadores listam vários determinantes do acidente apontados pela literatura científica que convivem tanto com concepções tradicionais do senso comum, quanto com preocupações contemporâneas como aquelas relativas às mudanças de estruturas familiares, papéis sociais dos pais, relações de poder na família e sua repercussão sobre a educação das crianças. Embora, ainda presente o conceito de acidente como fatalidade, este coexiste com percepções de necessidade de supervisão, mudança na cultura educacional da criança e adequação do ambiente físico.<sup>4, 14</sup>

Os entrevistados parecem perceber os riscos decorrentes da fase de desenvolvimento da criança, de acordo com as teorias de desenvolvimento infantil e são conscientes do papel essencial do brincar, da ação e da curiosidade para o seu desenvolvimento. Ressalta-se o conflito subjacente dos educadores entre a percepção da necessidade da criança experimentar e o risco potencial da experiência:

*Eu acho então que onde tem criança o acidente acontece em razão até da própria vitalidade da criança que é um ser em crescimento, em potencial. Ela faz as coisas porque ela tem que experimentar. Na verdade, ela só vai conhecer depois que ela experimentar, por isto que ela arrisca tanto (Entrevista 12).*

É possível que este conflito reflita o embate entre antigas e novas teorias educacionais, onde a

criança passa da passividade e submissão como atitudes promotoras de aprendizagem para a valorização e incentivo à iniciativa e atividade na construção do conhecimento.

### Tema 3 – Sentimentos relativos à auto-competência para lidar com o acidente

Neste tema foram criadas as seguintes categorias:

#### Sente-se tranqüilo, preparado:

*Preparada, eu acho que a gente nunca se sente plenamente, mas eu me sinto tranqüila, com o mínimo de conhecimentos necessários pra poder atender numa forma correta [...] (Entrevista 9).*

#### Sente-se preparado somente para coisas mais simples:

*Arranhou, machucou, às vezes, essas coisas mais simples, não têm problema nenhum, a gente resolve e tudo. Mas se, Deus que me perdoe, se um dia acontecer uma coisa mais séria eu não me sinto preparada não! (Entrevista 7).*

#### Sente-se inseguro:

*Se for uma coisa mais grave, realmente o que eu vou fazer, é na hora, ligar pros pais, mesmo: aconteceu isso, o que a gente faz? (Entrevista 10).*

#### Não se sente preparado, qualificado:

*Eu acho que a gente não sente preparado, não. Eu não sou médica. Eu acho que eu sou preparada para a minha profissão (Entrevista 3).*

Não precisa estar preparado porque o atendimento não é feito na escola:

*Não temos que ter esse atendimento aqui dentro da escola. [...] a gente só comunica com o pai que aconteceu o ocorrido, e o pai é que leva e que toma providência... (Entrevista 6).*

As duas últimas falas sugerem que o atendimento ao acidentado não faria parte das funções da profissão do educador. A discussão sobre os limites da profissão pode ser um foco importante a ser abordado com os educadores.

O discurso do grupo relativo à auto-competência é heterogêneo sugerindo atitudes que oscilam entre o auxílio ao aluno, mesmo que improvisado e baseado em experiências do cotidiano, não cientificamente respaldadas, até um não envolvimento com a situação do acidente, por convicção, cautela ou temor.

Percebe-se, nos relatos, o estresse vivenciado sob o controle racional e sentimentos de despreparo para lidar com ele.

#### **Tema 4 – Capacitação relatada para lidar com a criança acidentada**

Os educadores relataram, com relação à questão capacitação, desde não ter tido nenhuma capacitação, utilizando a experiência, o senso comum, a leitura até a realização de alguns treinamentos esporádicos ou pontuais:

##### **Ter tido algum treinamento em primeiros socorros:**

*Nós temos funcionários aqui que fizeram um cursinho de primeiros socorros, mas, assim, mais básico mesmo; prá atender a esses casos mais simples mesmo. (Entrevista 16).*

##### **Ter tido palestras e orientações eventuais:**

*Tivemos há muitos anos atrás um profissional da área da medicina que veio aqui prá falar dos primeiros socorros [...] (Entrevista 2).*

##### **Não ter tido nenhum treinamento:**

*Não... Treinamento assim, se for uma coisa mais séria, aí realmente vai me pegar de surpresa, né?... Eu acho assim que muita coisa que a gente faz por intuição, ou por leitura, ou até mesmo porque eu sou mãe, tá?... (Entrevista 14).*

A seguinte fala mostra a penetração do discurso científico divulgado, mesmo sem treinamento formal, que gradativamente passa a fazer parte do senso comum:

*Em termos de qualificação eu prefiro usar a regra máxima que é a questão da prudência, assim: “o que eu não sei eu não mexo” e se você mexer na pessoa antes de imobilizar, isso pode dar um dano irreversível, a gente tem que aguardar o resgate (Entrevista 4).*

É provável que uma das fontes deste conhecimento seja a divulgação na mídia, pelos órgãos responsáveis pelo trânsito, de condutas básicas a serem seguidas, relativas aos acidentes.

As informações sobre a capacitação foram acompanhadas de explicitação de demandas de informações e relatos de iniciativas ainda incipientes de treinamento dos educadores:

*A direção tava tentando fazer contato com o pessoal da Cruz Vermelha, prá ver a possibilidade de um curso. É uma reivindicação dos funcionários (Entrevista 4).*

*Acho que faz mesmo falta a gente ter, pelo menos uma vez por ano, uma pessoa que venha no início do ano prá falar prá toda equipe. Porque não só a supervisora tem que ter o conhecimento, mas o professor, o auxiliar de limpeza que às vezes é o que vai socorrer o menino imediatamente (Entrevista 16).*

Nos discursos dos entrevistados, os temas treinamento e socorro aparecem fortemente relacionados. Treinamento e prevenção são pouco citados. Em ambas as situações, entretanto, o espaço ocupado pelo treinamento é pequeno.

Note-se que as escolas pesquisadas são particulares, estando sujeitas ao controle e cobrança direta dos pais. O pouco preparo das escolas reflete em parte a ausência de uma demanda mais efetiva por segurança, por parte da sociedade, aqui representada pelos pais. Isto pode refletir um pensamento social mais geral que ainda vê o acidente, em larga extensão, como fatalidade. Por outro lado, o discurso dos educadores revela estresse e preocupação em prestar conta à família das ocorrências na escola. Esse fato mostra que a cobrança da família é feita somente após o acidente, provocando junto com o mesmo, alto nível de estresse no educador.

## CONCLUSÕES

Os principais achados do estudo são:

O acidente na escola é fonte importante de estresse para o educador pelo dano à criança e pelos problemas potenciais gerados na relação com a família.

Os educadores se sentem de forma geral despreparados, sobretudo para lidar com o evento.

Apesar de observar-se nas falas tendências à incorporação do conceito de acidente como previsível e prevenível e de um conhecimento sobre seus determinantes que ultrapassa o senso comum, ações, no sentido de prevenção e redução de danos em caso da ocorrência, ainda são incipientes.

A idéia do acidente como fatalidade coexiste com outras explicações relacionadas à inadequação do ambiente físico, características sociais, psíquicas e de desenvolvimento da criança e supervisão inadequada. A demanda incipiente por capacitação em prevenção sugere a predominância de percepção do acidente como fatalidade e, portanto, não previsível e não prevenível.

Há dúvida entre os educadores sobre as suas atribuições com relação à criança acidentada, apontando para a necessidade de discussão sobre os limites da profissão no que se refere aos cuidados de saúde da criança, especialmente os acidentes.

Pode-se interpretar como limitação do estudo o fato de ter sido realizado em escolas da rede de ensino privado que, neste estudo, atende uma classe social específica, minoritária na nossa sociedade. Entretanto este pode ser um fator positivo considerando-se que o setor privado, na área do ensino fundamental, em função de pressão de mercado e melhores condições financeiras de acesso à informação e a novas tecnologias, poderia, mais facilmente, revelar as tendências à formação de novas representações sociais e comportamentos diferenciados nesse campo de estudo.

Recomenda-se que um programa de capacitação dos educadores para prevenção e atenção aos acidentes escolares deve partir da reflexão sobre os limites profissionais, sua experiência e conhecimentos formais e informais já estruturados. Deve buscar a evolução do conceito e das atitudes dos mesmos frente ao acidente escolar, como acontecimento passível de prevenção, abordando as questões relacionadas à criança, ao ambiente físico e social.

Os educadores devem também ser preparados para os primeiros socorros, incluindo, desde os procedimentos mais simples de cuidados aos pequenos acidentes ao suporte básico de vida que, em alguns países, já é extensivo a qualquer cidadão.

Isto certamente teria conseqüências favoráveis na diminuição e minoração de acidentes na escola, na diminuição do estresse do educador, na melhora na relação família-escola e na preparação da criança para um comportamento seguro também fora da escola.

A implantação de uma política pública vinculada ao Ministério da Educação e Cultura e ao Ministério da Saúde que estabeleça a exigência de um treinamento sistemático e formação em estratégias preventivas poderá beneficiar as escolas e os alunos na prevenção dos acidentes. Conforme Pedroso<sup>5</sup> não há, ainda, uma legislação específica sobre acidentes escolares no Brasil.

Para enfrentar esta situação foi proposta por Santos e Moreira<sup>22</sup> (2007) a formação e manutenção de uma Comissão Interna de Prevenção de Acidentes e Violências na Escola (CIPAVE), que pode ser instituída por lei específica, pelo Regimento Escolar ou como função do Conselho Escolar. As normas de funcionamento das CIPAVE seriam adaptadas da legislação referente aos acidentes de trabalho, em particular a regulamentação das CIPA (Comissões Internas de Prevenção de Acidentes). Uma CIPAVE já iniciou suas atividades em 1992 em Porto Alegre e em 2002 em Maceió.<sup>6</sup>

A CIPAVE buscará, além de diminuir a frequência de acidentes e violência na escola e seu entorno, difundir os princípios de segurança na escola e na comunidade e promover uma cultura de paz.

A perspectiva de implantação da CIPAVE está plenamente de acordo com as conclusões da pesquisa relatada no presente artigo.

## REFERÊNCIAS

1. Liberal EF, Aires RT, Aires MT, Osório ACA. Escola segura. *J Pediatr* (Rio de Janeiro) 2005; 81(5 Supl.): S155-63.
2. World Health Organization – WHO. Geneva: Department of Injuries and Violence Prevention [Citado em 2007 set. 15]. Disponível em URL: <http://www.who.int/research/en/>.

3. Eichel JS, Goldman, L. Safety makes sense: a program to prevent unintentional injuries in New York City public schools. *J Sch Health*. 2001 May; 71(5):180-3.
4. Oliveira JS. Acidentes em crianças e adolescentes: estudo epidemiológico de saúde escolar em Belo Horizonte, MG [dissertação]. Belo Horizonte: Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais; 2000.
5. Donoso MTV, Chianca TCM. Condições envolvidas na ocorrência de acidentes em população infantil atendida em um hospital de pronto-socorro de Belo Horizonte. *Rev Med Minas Gerais* 2002; 12(1): 11-6.
6. Pedroso GC. Acidentes na escola. In: 2º Fórum Paulista de Prevenção de Acidentes e Violências Contra Crianças e Adolescentes; 2007 Ago 21; São Paulo. São Paulo: Sociedade de Pediatria de São Paulo: Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente; 2007. [CD-ROM].
7. Brasil. Ministério da Saúde. Secretarias de Políticas de Saúde. Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violência. *Rev Saúde Pública*. 2000; 34(4): 427-30.
8. Schvartsman S. Conceito de risco e segurança. In: Waksman RD, Gikas RMC, coord. Segurança na infância e adolescência. São Paulo: Sociedade de Pediatria de São Paulo, Departamento de Segurança da Criança e do Adolescente: São Paulo: Atheneu; 2003. p. 3-6. (Atualizações Pediátricas).
9. Piaget J. O desenvolvimento mental da criança. In: Piaget J. Seis estudos de psicologia. 24ª ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2005. p. 13-68.
10. Winnicott DW. Crescimento e desenvolvimento na maturidade. In: Winnicott DW. A família e o desenvolvimento do indivíduo. Belo Horizonte: Interlivros; 1980. p. 33-42.
11. Cabral SV. A escola, o professor e a criança diferente. In: Sousa DC, organizadora. Educação inclusiva: um sonho impossível. Fortaleza: Livro Técnico; 2004. p.154-69.
12. Bradbury K, Jancke DM, Riley AW, Finney JW. Predictors of unintentional injuries to school-age children seen in pediatric primary care. *J Pediatr Psychol*. 1999; 24(5): 423-33.
13. Coutinho MTC, Moreira M. Desenvolvimento sócio-afetivo e psicossocial da criança e do adolescente. In: Coutinho MTC, Moreira M. Psicologia na educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltados para a educação. 10ª ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Formato; 2004. p. 165-94.
14. Morrongiello BA, Ondejko L, Littlejohn A. Understanding toddlers in-home injuries: I. Context, correlates, and determinants. *J Pediatr Psychol*. 2004; 29(6): 415-31.
15. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8a. ed. São Paulo: Hucitec; 2004. 269 p.
16. Turato ER. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. 2ª ed. Petrópolis: Vozes; 2003. 685 p.
17. Conselho Nacional de Saúde (Brasil). Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da União, Brasília*, 1996 out. 16; (201): 21082; Seção 1.
18. Sena SPA representação social dos acidentes escolares por educadores em escola de 1ª a 4ª série do ensino fundamental. [dissertação]. Belo Horizonte: Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais; 2006.
19. Brandão HHN. Introdução à análise do discurso. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP; 2004. 122 p.
20. Charaudeau P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: Machado IL, Mello R., organizadores. Gêneros: reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG; 2004. p. 13-41.
21. Maingueneau D. Nouvelles tendances en analyse du discours. Paris: Hachette, 1987. apud Brandão HHN. Introdução à análise do discurso. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP; 2004. p. 17.
22. Santos MLM, Moreira AMM. Prevenção de acidentes e violência na escola: promovendo a segurança e a cultura de paz. In: Lopez FA, Dioclécio CJ, Organizadores. Tratado de pediatria. São Paulo: Manole; 2007. p. 183-6.